

reescrevendo o futuro:
usando ficção científica
para rever a justiça

walidah
imarisha

tradução
jota mombaça

**reescrevendo o futuro:
usando ficção científica
para rever a justiça**

walidah imarisha



Quando eu digo às pessoas que sou uma abolicionista prisional e que acredito em pôr fim a todas as prisões, elas frequentemente me olham como se eu estivesse montada em um unicórnio deslizando sobre um arco-íris. Até mesmo pessoas engajadas em movimentos sociais, pessoas que reconhecem o sistema prisional atual como falho, ao fazerem suas críticas parecem sempre ponderar: “mas é isso que temos”.

Apesar de nossa habilidade para analisar e criticar, a esquerda se enraizou naquilo que *é*. Nós frequentemente esquecemos de vislumbrar aquilo que *pode vir a ser*. Esquecemos de escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outras formas no futuro.

Por isso acredito que nossos movimentos por justiça precisam desesperadamente da ficção científica.

3

Me acompanhem. Sou co-editora, junto à estrategista visionária de movimentos políticos adrienne maree brown, da antologia ***Octavia’s Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements***, que será publicada nesta primavera pela AK Press. *Octavia’s Brood*, assim nomeada em homenagem à feminista Negra, escritora de ficção científica e ganhadora do prêmio MacArthur Genius, Octavia Butler, é uma coleção de ficções científicas radicais escritas por pessoas articuladoras, transformadoras sociais e visionárias.

Nós começamos a antologia com a crença de que toda articulação política é ficção científica. Quando falamos sobre um mundo sem prisões; um mundo sem violência policial; um mundo onde todo mundo tem comida, roupas, abrigo, educação de qualidade; um mundo livre da supremacia branca, patriarcado, capitalismo, heterossexismo; estamos falando sobre um mundo que não existe atualmente. E sonhá-lo coletivamente significa que podemos começar a trabalhar para fazê-lo existir.

No último outono, a renomada escritora de ficção científica Ursula K. Le Guin gerou grande comoção durante a cerimônia do *National Book Awards 2014* com o seu eloquente discurso de agradecimento pelo Prêmio por “Destacada Contribuição às Letras Estadunidenses”: “Eu acredito que estão vindo tempos difíceis, quando precisaremos da voz de escritoras capazes de enxergar

alternativas aos modos como vivemos agora, que possam enxergar através de nossa sociedade assolada pelo medo (...). Nós precisaremos de escritoras que sejam capazes de evocar liberdade.”

Le Guin acrescentou: “Nós vivemos no Capitalismo. Seu poder parece inescapável. Mas também assim foi com o direito divino dos reis. Qualquer poder humano pode ser resistido e transformado por seres humanos.”

É precisamente por isso que precisamos da ficção científica: ela nos permite imaginar possibilidades fora do que existe hoje. O único modo de desafiar o direito divino dos reis é se tornando capaz de imaginar um mundo no qual reis já não nos comandem – ou sequer existam.

- 4 A ficção visionária oferece aos movimentos por justiça social um processo por meio do qual explorar a criação de novos mundos (embora não seja em si uma solução – e é aí que entra o trabalho prolongado de organização comunitária). Eu propus o termo “ficção visionária” (*visionary fiction*) para abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos. Esse termo nos lembra de sermos completamente irrealistas em nossas organizações, porque é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo. Quando liberamos nossas imaginações, questionamos tudo. Reconhecemos que nada disto é fixo, que é tudo poeira estelar, e que nós temos a força para moldá-lo do modo que o fizemos. Para parafrasear Arundhati Roy: outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo – e já podemos ouvi-los respirar. É por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização.

EXPERIMENTANDO A JUSTIÇA

Minha co-editora adrienne entende a ficção científica como “um terreno de investigação,” um laboratório para experimentar novas táticas, estratégias, e visões sem um custo imediato no mundo real. O pessoal ligado ao *Octavia’s Brood* tem feito isso concretamente: as sessões facilitadas internacionalmente por adrienne maree brown sobre as estratégias emergentes a partir de Octavia Butler (The Octavia Butler Strategic Reader é baseado nesse trabalho); oficinas de escrita coletiva sobre justiça visionária; oficinas de táticas de ação direta e ficção científica criadas pelo colaborador do projeto Morrigan Phillips.



Enquanto facilito esses processos por meio dos quais articuladoras políticas podem vislumbrar novos mundos, eu tenho visto o tema da justiça criminal emergir repetidamente. O tema do abolicionismo prisional está perfeitamente situado para mostrar a necessidade da ficção visionária, porque nos permite responder a questões como “o que temos exceto prisões?”

Numerosas histórias em *Octavia's Brood* exploram ideias acerca de quais aspectos tem a justiça após a ocorrência de um dano. Na de Kalamu ya Salaam, trecho de um romance maior ainda não publicado, *Manhunters*, uma guerreira mata a irmã de um membro da comunidade numa sociedade alternativa Afrocêntrica e o conselho reúne-se para decidir o que ocorrerá com ela. A estrutura não é uma de retribuição e punição, mas de cura para os indivíduos e para a comunidade inteira.

5

Na história de Autumn Brown, *Small and Bright*, como punição para um crime imperdoável, um dos membros de uma sociedade subterrânea pós-apocalíptica é “emergido” – isto é, forçado ao exílio na árida superfície de uma Terra devastada. Banimento da comunidade é algo que muitas das pessoas que estão trabalhando com responsabilidade comunitária debatem conceitualmente.

A obra *The River*, de adrienne maree brown, uma das obras de ficção científica sediadas em Detroit criadas por ela com o subsídio *Kresge*, trata de como a justiça opera com respeito a crimes que o atual sistema de justiça criminal sequer reconhece enquanto crime – gentrificação, remoção, devastação econômica, opressão geracional institucionalizada.

Experimentações sobre justiça e prisões não começaram com *Octavia's Brood*. W.E.B. DuBois discutiu raça, prisões, justiça e redenção em curtas narrativas fantásticas como *Jesus Christ in Texas*, de sua coleção de 1920 *Darkwater: Voices from Within the Veil*.

Octavia Butler, especialmente em seus romances *Parable of the Sower* e *Parable of the Talents*, prolongam essa investigação, assim como em inúmeras outras obras: *The Dispossessed* (1974) de Ursula K. Le Guin, *Woman on the Edge of Time* (1975) de Marge Piercy, *The Fifth Sacred Thing* (1974) de Starhawk, *Midnight Robber* (2000) de Nalo Hopkinson e *Who Fears Death?* (2010) de

Nnedi Okorafor. Resenhas de algumas dessas obras podem ser encontradas em *The Transformative Justice Science Fiction Reader*, criado em 2012 durante a Conferência Allied Media.

Esse revolucionário programa de leitura explica como a “ficção visionária” foca naquelas pessoas que tem sido marginalizadas pela sociedade em geral, especialmente as que vivem identidades e eixos de opressão interseccionais. Esse enquadramento fundamentalmente feminista é talvez melhor exemplificado na obra de Butler. A maioria de suas protagonistas são mulheres ou pessoas trans* racializadas e, quando essas personagens deslocam-se para o centro da sociedade, vemos a emergência de comunidades visionárias.

6

As pessoas que contribuíram com *Octavia's Brood*, e as visionárias que vieram antes delas, requerem que olhemos as gentes marginalizadas não como vítimas, mas como líderes, reconhecendo que sua habilidade em viver fora de sistemas aceitáveis é essencial para a criação de novos e justos mundos. Quando fazemos isso, deparamo-nos não apenas com reformas parciais, mas liberação total. E a ficção científica é o único gênero literário que nos permite questionar, problematizar, e re-conceber tudo de uma só vez.

Sabemos que não lutamos contra um sistema de opressão unidirecional – nós estamos lutando contra um sistema branco supremacista hétero-patriarcal e capitalista (bell hooks está certa) – então nossa resposta deve ser abrangente e englobante de tudo. Como Audre Lorde disse, “não há uma luta unidirecional porque não vivemos vidas unidirecionais.” Devemos reimaginar tudo desde o início.

Hollow de Mia Mingus é uma estória do *Octavia's Brood* que nos permite reimaginar modos de justiça para com as diversidades funcionais. Num futuro onde os “Perfeitos” tem tentado cometer genocídio contra pessoas com diversidade funcional (os “Imperfeitos”), os “Imperfeitos” agora vivem na lua, onde os “Perfeitos” haviam imaginado que todos morreriam. Ao invés disso, os “Imperfeitos” construíram uma sociedade inteira centrada em suas necessidades, em vez de tentarem ser assimilados no interior de sistemas jamais pensados para eles. Essa história nos desafia a um deslocamento para além da igualdade, e mesmo da justiça, e ainda assim reflete sobre como liberação e autonomia podem funcionar.



Children Who Fly (Crianças que voam), história de Leah Lakshmi Piepzna-Samarasinha, faz o mesmo no que concerne às pessoas sobreviventes de traumas e assédio sexual, e suas crianças. Graças às suas habilidades de dissociação (as quais muitos hoje se referem como efeito negativo do trauma), podem deixar seus corpos e integrar suas energias curativas, constituindo dessa maneira a única força capaz de salvar um mundo devastado.

NO CHÃO

Essas viradas transformadoras acerca de como pensamos a justiça desafiam as políticas de respeitabilidade (políticas de assimilação, na verdade). Essa problematização é visceralmente necessária nesse momento em que a juventude negra em Ferguson, Missouri, rebela-se contra as balas, tanques e sistemas que operam contra ela. Aprendemos que adotar os ornamentos de um sistema de injustiça generalizada e se integrar numa sociedade enraizada em opressão jamais protegerá aquelas pessoas marginalizadas e oprimidas. Seria a simples continuação da mentalidade e enquadramento coloniais. Essa mentalidade oferece reformas sutis para o sistema – câmeras no corpo, treinamento em diversidade para a polícia, conselhos de cidadãos – mas todas elas estão inseridas no sistema já existente. Essas políticas da respeitabilidade são a principal barreira que nos impede de imaginar um mundo sem polícia e sem prisões.

7

Inspirada pela contínua organização e resistência conduzida pela juventude Negra em Ferguson (e que se está espalhando pela terra), fui desmotivada pela resposta da esquerda branca, que tentou ditar os termos dessas rebeliões, assim como a dos assim chamados líderes Negros, que reforçaram as políticas da respeitabilidade. Eu comecei a escrever um escracho, mas percebi que seria melhor escrever o futuro que eu quero ver, então eu imaginei *The 2070 People's Encyclopedia (A Enciclopédia do Povo de 2070)* e fabriquei um verbete:

Enciclopédia do Povo de 2070
Verbetes: Ferguson (E Além)

O terrível assassinato de Michael Brown, um adolescente Preto desarmado, pelo oficial de polícia Darren Wilson em Ferguson, Missouri, foi o gatilho para a resistência nacional contra a contínua violência policial e desvalorização das vidas Pretas. Espantosamente, a mídia hegemônica referiu-se a esses atos de

resistência como “tumultos” e não como os levantes e rebeliões que de fato foram, assim como os assim chamados “aliados brancos”, que tentaram ditar os termos nos quais a resistência da Juventude Preta poderia acontecer. Por sorte, a Juventude Preta não comprou a ideia; eles também rejeitaram as políticas da respeitabilidade e o mito da assimilação. Pelo contrário, se articularam internacionalmente com outras pessoas oprimidas num movimento contínuo por liberação que transformou fundamentalmente o planeta inteiro.

Essa lente histórica imaginária nos conecta não somente a futuros visionários, mas também a passados visionários. Como Soraya Jean-Louis McElroy, estudiosa de artes visuais e co-criadora do Wildseeds: The New Orleans Octavia Butler Emergent Strategy Collective, escreveu no facebook: “amor e liberdade Pretas residem além do corpo, amor e liberdade Pretas são transtemporais e indestrutíveis. Estou falando sobre imaginação fantástica Preta sem restrições. Não se pode realmente amar sem isso. O Afrofuturismo não é novo!”

8

Minha co-editora adrienne e eu, como duas mulheres Pretas estudiosas de ficção científica, carregamos sempre isso em nossos corações, porque sabemos que estamos vivendo uma ficção científica. Somos o sonho das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria “irrealista” imaginar um dia em que elas não seriam chamadas propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos.

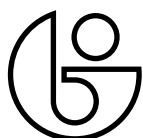
Isso é parte dos motivos pelos quais eu carrego orgulhosamente o título de “abolicionista prisional”; isso me liga às visionárias libertadoras que aboliram a escravidão. Isso conecta meus sonhos de liberação com os dos meus ancestrais e acende toda a nossa responsabilidade e direito a sonhar novos futuros assim como elas fizeram.

Em seu não terminado manuscrito *Parable of the Trickster*, o final da série de parábolas, Octavia Butler escreveu:

*Não há nada de novo
sob o sol
mas há novos sóis*



A ficção científica – ou ficção especulativa, fantasia, horror, realismo mágico, etc – criada por nós human_s não vem do éter. Quer seja *Jogos Vorazes*, *Harry Potter*, ou *Guerra nas Estrelas*, esses mundos fantásticos findam por abordar temas como guerra, racismo, opressão de gênero, poder, privilégio e injustiça. Não há nada de novo sob o sol. Mas como Butler tão habilmente nos fala e mostra em seus romances, esses novos sóis nos oferecem infinitas novas oportunidades para reimaginar o nosso mundo de hoje.



#Publicação comissionada pela
Fundação Bienal de São Paulo
em ocasião da 32a Bienal de São
Paulo - Incerteza Viva.

#Publication commissioned by
Fundação Bienal de São Paulo on
the occasion of the 32a Bienal of
São Paulo - Incerteza Viva.

oficina lugar de agência e afetos entre modos de fazer, aprender e cuidar
imaginação intervenção nos sistemas de (re-)produção e invenção de mundos
política implicação ética nas contradições e paradoxos das coletividades

OIP é uma iniciativa que se manifesta por meio de grupos de pesquisa, leituras públicas, apresentações, oficinas, intervenções, instalações, escrita, tradução e produção de publicações como esta. no contexto da 32a bienal de são paulo: incerteza viva, a oficina se constitui pela colaboração entre jota mombaça, rita natálio, thiago de paula, valentina desiderii, diego ribeiro e amilcar packer.



Walidah Imarisha é educadora, escritora, professora e poeta. É editora de duas antologias incluindo "Octavia's Brood: Science Fiction Stories From Social Justice Movements". Imarisha escreveu o livro de não-ficção "Angels with Dirty Faces: Three Stories of Crime, Prison and Redemption" e da coleção de poesias "Scars/Stars". É professora do programa de Escrita e retórica da Universidade de Stanford, E.U.A.